



INFÂNCIAS PLURAIS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ÂMBITO DO PROJETO DE EXTENSÃO COLETIVO FLUIR

VIEIRA, Jenifer Alves¹
 DOS SANTOS, Bárbara Alves²
 SEGAT, Taciana Camera³

Grupo de Trabalho (GT): Educação Especial e Inclusão de Pessoas com Deficiência

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em uma escola de Educação Infantil participante do Projeto de Extensão “Coletivo Fluir”, vinculado à UFSM. A partir das noções de território educativo e intersetorialidade, as ações buscam resistir aos rótulos impostos aos comportamentos infantis e promover espaços de escuta, acolhimento e invenção junto às crianças em contextos de vulnerabilidade. A pesquisa em andamento evidencia um cenário de crescente rotulação diagnóstica, com destaque para o Transtorno do Espectro Autista, e propõe tensionar tais práticas por meio de experiências pedagógicas sensíveis às expressões infantis. As ações realizadas priorizam a construção coletiva de sentidos, a partir das vivências das crianças, suas famílias e comunidade, promovendo encontros que desestabilizam lógicas normativas e favorecem uma escola inclusiva, criativa e comprometida com as infâncias plurais.

Palavras-chave: Território educativo. Práticas pedagógicas. Infância.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em uma das escolas de Educação Infantil que compõem o Projeto de Extensão “Coletivo Fluir: Territórios Educativos Intersetoriais de Ações e Políticas em defesa das crianças em contextos vulneráveis”, o qual é vinculado à Pró-reitoria de Extensão (Proext) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

O projeto surgiu em decorrência do estado de calamidade climática, de maio de 2024, que assolou o estado do Rio Grande do Sul (RS), quando se evidenciou a necessidade de aproximação dos abrigos públicos em que estavam alojadas as crianças e suas famílias. Posteriormente, as ações passam a acompanhar as crianças no retorno para a escola.

¹ Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jenifer.vieira@acad.ufsm.br

² Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: Barbara.alves@acad.ufsm.br

³ Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: tcamerasegat@gmail.com





No segundo semestre acadêmico de 2024, o projeto foi contemplado com fomento do Programa PROEX-PG UFSM Além do Arco, resultando na extensão das ações para mais escolas. Atualmente, as ações sistemáticas são desenvolvidas em quatro escolas públicas de Santa Maria, por meio ações extensionistas que conta a participação de seis programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria: Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional/PPPG (como programa proponente), Programa de Pós-graduação em Educação/PPGE, Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede/ PPGTER, Programa de Pós-graduação em Psicologia/ PPGP, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde/ PPGCS/MPCS, Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo/ PPGAUP. Essas ações são planejadas e desenvolvidas nas escolas públicas e em atividades por um grupo composto por 14 professores da UFSM, acadêmicos de pós-graduação e graduação das áreas da Educação, Psicologia, Saúde, Artes, Arquitetura e tecnologias.

Nesse sentido, temos trabalhado desde maio de 2024 na organização de territórios para/com as crianças, buscando garantir a construção de relações empáticas e solidárias entre os sujeitos e destes “com a comunidade, o lugar, as materialidades sociais/ culturais/tecnológicas, o espaço e o tempo” (Projeto Coletivo Fluir: territórios educativos e intersetoriais de ações e políticas em defesa das crianças em contextos vulneráveis, 2024).

Nesses territórios que se organizam como espaços e tempos educativos, vamos como coletivo forjando nossas docências, ao mesmo tempo em que são produzidos sentidos para a experiência que emerge, que provoca, estranha, desestabiliza desorganizando modos de pensar, de viver até então conhecido. Metodologicamente nos organizamos a partir de três territórios Educativos Intersetoriais (TEI): TEI 1 - Crianças, famílias, escola, comunidade local; TEI 2 - Formação da comunidade escolar; TEI 3 - Gestão educacional e políticas públicas.

Este trabalho se debruça, especialmente, sobre as ações realizadas no *Território 1 – Crianças, Famílias, Escola e Comunidade Local*, ou seja, nas experiências desenvolvidas junto às crianças de uma das escolas parceiras. Nesse território, buscamos proporcionar experiências que promovessem o encontro, a escuta, a sensibilidade e a criação conjunta com as infâncias. As práticas pedagógicas desenvolvidas nesse contexto não partem de planejamentos rígidos, mas de um



movimento de observação atenta e contínua, de escuta ativa e de acolhimento das expressões infantis, sejam elas corporais, simbólicas, afetivas ou relacionais e reflexões antes e após cada ação.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os modos de constituição das práticas pedagógicas em uma das escolas de Educação Infantil participantes do projeto Coletivo Fluir, fomentando práticas escolares mais inclusivas, inventivas e que acolham a diversidade de expressões e comportamentos infantis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As ações do Coletivo Fluir são planejadas e desenvolvidas a partir de duas noções fundamentais: território educativo e intersetorialidade. Essas noções atravessam teoricamente e metodologicamente o projeto, sustentando práticas que buscam resistir às lógicas fragmentadas e normativas que historicamente marcam os modos de fazer escola, especialmente no atendimento a crianças em contextos de vulnerabilidade.

A concepção de território educativo parte da compreensão de que o território não é um espaço fixo ou delimitado, mas sim um acontecimento, uma construção coletiva, situada na relação entre sujeitos, comunidade, materialidades sociais, culturais, tecnológicas, espaço e tempo. Território que tem o sentido de ser o chão e o coletivo na produção de uma referência de resistência em que as trocas materiais e da vida fluem para que cada um e todos pertençam naquilo que a eles pertence (Projeto Coletivo Fluir. O território se dá na produção de lugares, na implantação de fronteiras e na configuração de pontes (Certeau, 2008). Nesse sentido, o território não é um lugar, mas a possibilidade de todos os lugares, as rupturas e as descontinuidades.

A partir dessa compreensão de território educativo, o Coletivo Fluir propõe a construção e problematização de outras formas educativas e intenciona promover a invenção de um encontro com o outro. Um encontro que é sempre uma experiência, realizando algo que nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos transforma. É nesse território que se tecem os encontros entre crianças, educadores, famílias, espaços e tempos, encontros que provocam outros modos de pensar e viver a



escola, que interrompem as lógicas naturalizadas de controle, homogeneização da infância (Projeto Coletivo Fluir). A experiência, tal como propõe Larrosa (2002), é aquilo que nos acontece e que nos força a pensar. É nesse movimento de estranhamento e reinvenção que os territórios educativos se tornam possíveis. Ao invés de prescrever modos de ser e estar na escola, os territórios se abrem ao fluir, ao movimento rizomático, sem centro fixo, em constante reconfiguração (Deleuze & Guattari, 1995). Cada prática vivida com as crianças é um acontecimento que conecta multiplicidades e produz algo novo, singular e coletivo.

Assim, nos territórios educativos intersetoriais, cada sujeito envolvido – crianças, professores, pesquisadores, acadêmicos da graduação e pós-graduação – participam da produção de sentidos, inventando possibilidades de existência para além do que já está dado, criando com os outros e com o mundo novas formas de habitar a escola.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Este trabalho compõe parte de uma pesquisa que encontra-se em andamento, a qual está vinculada às ações do Território Educativo Intersetorial 1 – Crianças, Famílias, Escola e Comunidade Local, do projeto de extensão Coletivo Fluir. Tal investigação tem

como foco a escuta das infâncias e a análise das práticas pedagógicas em uma das escolas de Educação Infantil parceira do projeto, situada no município de Santa Maria/RS.

A metodologia adotada foi e está sendo construída a partir das observações, registros, participação nas reuniões de planejamento, desenvolvimento das ações do projeto na escola. Assim, buscou-se inicialmente sistematizar os dados juntamente com a equipe

gestora de uma escola parceira, com a intenção de caracterizar o perfil das crianças com diagnóstico matriculadas nessa instituição.

Em um dos dias de ação foi feita uma conversa com a equipe gestora no intuito de conhecer o número de crianças matriculadas na escola e destas crianças quantas são acompanhadas pela educação especial e quais diagnósticos possuem. quantas crianças são matriculadas na escola? estas crianças são acompanhadas pela educação especial? quais os diagnósticos dessas crianças?

A partir dessas informações prévias iniciou-se o trabalho de reflexão e articulação com o que foi vivido nessa instituição nesse primeiro semestre de 2025.



RESULTADOS

Os dados iniciais apontam que a escola atendida possui aproximadamente 130 crianças matriculadas, das quais 17 são público da Educação Especial. Dentre essas, 12 crianças já possuem diagnóstico clínico, e 5 encontram-se em processo de avaliação diagnóstica, com encaminhamentos em andamento para os serviços de saúde. Esses números, indicam uma presença expressiva de crianças nomeadas ou em vias de serem nomeadas por marcadores diagnósticos. O dado se torna ainda mais significativo quando se observa que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) aparece como o diagnóstico mais recorrente, seguido por atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor.

Mais do que estatísticas, esses dados convocam uma problematização urgente que significa que quase 1 em cada 8 crianças esteja inserida ou esteja em vias de inserção nos processos de avaliação e rotulação diagnóstica? A partir dessa pergunta, é possível pensar que há, nas práticas escolares, uma tendência crescente à medicalização da infância, na qual comportamentos, expressões e modos de existir que fogem à norma são rapidamente convertidos em sintomas, déficits ou disfunções. Essa lógica opera como um dispositivo de captura da diferença, deslocando o foco das relações pedagógicas para os discursos da classificação, da intervenção e da correção.

No entanto, o que se buscou nesta experiência foi tensionar essas práticas a partir de uma escuta sensível, propondo a construção de territórios educativos que acolham os corpos, as expressões e as narrativas das crianças para além do diagnóstico. As práticas pedagógicas desenvolvidas durante as ações do Coletivo Fluir foram planejadas coletivamente entre a equipe do projeto, tomando como ponto de partida os interesses, as potências e os modos de ser e estar desse grupo de crianças. Assim, foram vivenciadas experiências que envolveram exploração de elementos naturais, luzes e cores, além de incentivar o brincar, o cuidado e a relação com os pares.

A experiência durante esse semestre letivo mostrou a potência de práticas pedagógicas que se afastam de uma lógica de correção ou adequação, e que se aproximam das infâncias em sua diversidade, promovendo encontros. Ao acolher as expressões infantis em sua multiplicidade, o território educativo operou como espaço de criação, cuidado e resistência, instaurando possibilidades para uma escola mais sensível



às diferenças e comprometida com as infâncias plurais. Assim, os números inicialmente apresentados, embora importantes como retrato institucional, não foram tomados como ponto de partida para intervenção, mas como elementos a serem problematizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais obtidos ao longo desta experiência ressaltam que as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão Coletivo Fluir têm se mostrado potentes para refletir sobre a lógica de medicalização e produção diagnóstica que atravessa a infância nas escolas. A presença significativa de crianças com laudos ou em processo de avaliação diagnóstica indicou a necessidade de criar territórios educativos que se afastem de perspectivas normativas e que acolham a diversidade de modos de ser e estar das crianças.

As experiências vivenciadas permitiram observar que, ao priorizar a escuta sensível, a observação atenta e a criação coletiva, foi possível instaurar espaços de encontro, cuidado e criatividade, fortalecendo práticas escolares inclusivas e comprometidas com as infâncias plurais. Além disso, o trabalho buscou dar visibilidade às expressões infantis em sua multiplicidade, promovendo vivências que rompem com a lógica da padronização e favorecem relações mais humanas e solidárias no contexto escolar.

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, os dados iniciais já apontam para a relevância da construção de práticas pedagógicas que pressuponham o diagnóstico como ponto de partida, mas que reconheçam nas crianças suas potencialidades, singularidades e possibilidades de criação. Nesse sentido, os resultados esperados com a continuidade das ações indicam o fortalecimento de processos coletivos que problematizam as lógicas de exclusão e que colaboraram para a consolidação de uma escola inclusiva, criativa e sensível às diferenças.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M.D. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer.** Petrópolis, Vozes, 2008.

M.A. SAQUET; E.S. SPOSITO (orgs.), **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.



DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 01 jan. 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Projeto Coletivo Fluir: territórios educativos e intersetoriais de ações e políticas em defesa das crianças em contextos vulneráveis, 2024**